

Human Resources

01-12-2014

Periodicidade: Mensal

Classe: Recursos Humanos

Âmbito: Nacional

Tiragem: 15000

Temática: Diversos

Dimensão: 817

Imagem: S/Cor

Página (s): 10

CONSELHEIRO

Luís Roberto

PRESIDENTE  
FUNDAÇÃO BIP PORTUGAL

## AS REDES ANTI-SOCIAIS

Na última década, as redes sociais têm sido as grandes responsáveis pelas alterações na forma como uma significativa parte da população mundial passou a comunicar e a interagir entre si. Não apenas as pessoas, mas também as marcas têm procurado este ponto de encontro virtual, para chegar mais rapidamente aos seus consumidores, permitindo conhecer no imediato os seus níveis de confiança e percepções.

**E**stes são hoje factores determinantes na definição de estratégias e planos de comunicação das organizações.

Estar connected passou a ser um must entre as pessoas, independente da sua origem, género ou idade. A geração Millennials, também conhecida como geração Y, é no entanto aquela que sente mais a necessidade de estar ligada à internet. Nascida numa época marcada pelos avanços tecnológicos, esta geração assistiu a uma globalização do conhecimento, o que a leva por vezes a viver com uma sobrecarga de informação, dificultando a correlação de conteúdos. Esta foi uma das conclusões do estudo sobre “Interação entre Gerações”, apresentado recentemente pela professora Fátima Carioca, da AESE Business School.

Em Portugal acedem diariamente à internet e em média dois milhões e meio de pessoas. Segundo dados oficiais publicados pela Marktest, em Outubro foram visitadas 7,5 mil milhões de páginas, tendo cada utilizador estado 23 horas online.

A grande maioria dos utilizadores das redes sociais têm conta no Facebook e considera este o “local” privilegiado para estabelecer o contacto com amigos e novos amigos, ou partilhar conteúdos, e fazem-

-no cada vez mais a partir de smartphones.

Esta vontade frenética de enviar mensagem e likes, a qualquer hora do dia ou da noite, passou a ser um hábito se não mesmo uma dependência, afastando-nos do diálogo, do contacto e daquilo que mais nos caracteriza enquanto seres humanos, o sermos sociais.

Paralelamente a este fenómeno, chegou a vez das redes anti-sociais. São exemplo disso as redes Hatebook, o Twtter e o Seppukko, este último com a capacidade de apagar o perfil do Facebook. Algumas bastante polémicas e geradoras de discussão nas redes sociais, as “anti”, têm um efeito bem diferente. Genéricamente servem para não encontrar pessoas são, em suma, um movimento virtual de crítica à rede, dita social.

Certas “anti” procuram consciencializar os “outros” para o tempo perdido nas redes sociais, enquanto outras são especialistas na ofensa e abusam do simples vernáculo para comunicarem!

Poderá parecer algo confuso, mas atingimos o estado em que o virtual passou a ter consequências no mundo real. Posições à parte, passámos a consumir horas do nosso tempo com a lista de amigos, não com os amigos. Passámos a aceitar os invites, e a declinar os convites para o fim-

-de-semana, porque estamos ocupados a responder a friend requests.

Passámos a fazer parte desta grande família tecnológica que ignora o mundo real das três dimensões, onde faz frio e calor, e onde o ar é ainda respirável. Isto para não falar da nossa preocupação diária... carregar a bateria. E se por acaso saímos de casa com apenas “um pauzinho” no telemóvel, de certeza que o dia nos irá correr mal. As opiniões são unânimes.

Comunicar através de gírias passou a ser a linguagem global das redes sociais e entender as abreviaturas, expressões e novas versões de palavras são também uma nova competência deste século. Alguns referem-na como “internetês”, tendo como objectivo podermos comunicar mais rápido, tornando a velocidade de digitação igual à velocidade com que falamos informalmente. O mais curioso é que já vamos encontrando abreviaturas em documentos formais. OMG! (em português significa “Oh, Meu Deus”. Expressão que indica espanto ou admiração.)

Sem nos apercebermos, enquanto pessoas sociáveis que somos, vamos alterando os nossos comportamentos e atitudes, porque estamos em rede. E mesmo quando a rede não está por perto ou simplesmente falha, procuramos um ponto para nos ligarmos, mesmo que isso modifique o hábito de tomar café e a procurar “o café” com banda larga disponível, que permita interagir com qualquer parte do mundo. O café que já foi outrora palco das tertúlias e encontro de pensamentos e interesses, são hoje os novos access points.

Gosto de experimentar novos restaurantes e há dias convidei um amigo para irmos a um novo espaço da capital. Quando entrámos, reparei numa área de parede com um quadro, normalmente utilizado para informar que têm livro de reclamações ou para colocar a estrela Michelin. Não era o caso. Tratava-se de um aviso que gerava alguns sorrisos e comentários a quem, como eu, aguardava por uma mesa. “Não temos Wi-Fi. Conversem por favor uns com os outros”, lia-se. Social ou anti-social? ●